

Rubens de Souza

PONTOS DE MAVIGNIER

ALMIR DA SILVA MAVIGNIER.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Novembro de 2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PONTOS DE MAVIGNIER

ALMIR DA SILVA MAVIGNIER.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES
APRESENTADO AO PROGRAMA
DE MESTRADO INTER-UNIDADES
EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA
ARTE

Profa. Dra. Daisy Peccinini ESCOLA DE
COMUNICAÇÕES E ARTES ECA USP

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
FFLCH USP

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO FAU USP

2003

Nos anos oitenta, elaborei ilustrações e eventualmente desenvolvia atividade como “Free-lance”, para agências de publicidade.

No ano de 1988 elaborei cartilhas educativas para o Programa Fundo Social de Solidariedade do Governo Estadual de São Paulo.

Em 1989 a 1992, trabalhei na Assessoria de Imprensa na Prefeitura em Diadema como Programador Visual.

Neste mesmo período, precisamente em 1990, faço parte da sociedade da Agência de Publicidade e Propaganda Artimagem, permanecendo até o ano de 2000 como diretor de criação, onde desenvolvia trabalhos em processos tradicionais e editoração eletrônica.

Paralelamente a esta área de atuação lecionava em escolas particulares nos cursos de técnico de publicidade. Como no SENAC, Colégio Mário de Andrade, Colégio Anchieta e outros.

Atualmente, leciono as disciplinas de Produção Gráfica, Planejamento Gráfico e Criação Publicitária para turmas de Publicidade e Jornalismo, acumulando a função de Coordenador do Curso de Publicidade na Faculdade UNAERP Campus Guarujá e Design Gráfico na Academia Brasileira de Artes.

Licenciado em Artes Plásticas realizei exposições artísticas com trabalhos em diferentes suportes, como no Salão de Arte Contemporânea de Santo André no ano de 1992 e individuais no espaço Cultural Cândido Portinari entre outras.

Particpei de mudanças na área do design gráfico. Da “prancheta ao computador” uma nova cultura foi (e está), se estabelecendo sem que os profissionais desta área se dêem conta de suas reais influências.

Considero pertinente e oportuno desenvolver o tema, principalmente neste momento em que me encontro na graduação, lecionando para jovens que estão se preparando para atuar na área da Programação Visual.

Desta forma, este Projeto se tornará importante, se for possível desenvolver em meus educandos condições e critérios para uma análise crítica e criativa das

Novas Tecnologias da Comunicação, seus dispositivos de informações e seus meios de reprodução.

INTRODUÇÃO

O tema em questão, aqui intitulado de: “Os Pontos de Mavignier”, disserta sobre a problemática - as artes visuais e suas aplicações nas novas tecnologias. Para tanto, selecionou-se o artista plástico e gráfico Almir Mavignier, para ilustrar e exemplificar o assunto abordado. De um lado temos uma nova geração de artistas (refiro-me aos egressos dos cursos de artes plásticas), que necessitam de um aprofundamento dos conceitos fundamentais da linguagem visual, desmistificando o uso de determinados *softwares*, bem como a informática, como recurso capaz de habilitá-los ao exercício pleno da criatividade. De outro, verificamos a necessidade de perceber a computação gráfica e seus dispositivos como uma ferramenta a mais no processo de criação aliada à pesquisa de diferentes saberes. Estas duas possibilidades, processos tradicionais permeados por suportes convencionais e novos processos em suportes digitais, se conflitam, porém, não invalida uma a outra. O importante é criar estabelecer os fundamentos teóricos capazes de propiciar o pleno exercício crítico e criativo das novas tecnologias inseridas nas artes plásticas.

No levantamento bibliográfico elaborado até aqui, vale destacar Pierre Levy em “A Máquina Universo”, por tratar de temas atuais e complexos, como por exemplo, cibernética, as tecnologias da inteligência e espaço virtual. Sua obra torna-se importante por analisar as transformações sociais, decorrentes da chamada comunicação mediada pelo suporte digital.

Nesta linha de raciocínio, acrescentamos o livro “A sociedade em Rede” de Manuel Castells, que analisa o paradigma tecnológico baseado na informação a partir de uma nova estrutura social, marcada pelo funcionamento de sistemas de

redes interligadas. Nicholas Negroponte, em “Vida Digital” discute os novos formatos, os dispositivos digitais e suas influências.

Outras obras literárias são importantes e apresenta-se na referência bibliográfica por conter dados diretos ou indiretos, ligados ao tema proposto.

O objetivo da pesquisa é o de verificar as influências que as novas tecnologias causam na arte.

Assim, esta proposta nasce da necessidade de se verificar as definições sobre produção de elementos visuais através dos meios digitais disponíveis que se finalizam em reproduções em diferentes suportes, aqui chamados reais e virtuais.

A partir daí, este projeto é uma forma de:

- Refletir sobre a cultura das mídias que permeiam as elaborações artísticas contemporâneas.

- Compreender estas novas tecnologias no ato da criação.

As razões que nos levam a propor esta pesquisa:

1- A relevância do tema.

2- Contribuição que os resultados desta pesquisa possam oferecer à áreas da linguagem visual.

Proponho a hipótese de que a cultura virtual, (Internet), estabelece um novo paradigma social. Desta forma, os saberes fornecidos ao artista ligado à criação de peças artísticas e eventos interativos, deverão ser analisados para uma melhor sistematização.

Ou seja, esta análise poderá trazer fundamentos que servirão de alicerces análises, críticas e compreensão dos conteúdos ligados aos novos suportes tecnológicos.

O título do projeto, de início, necessita um número maior de palavras, capazes de dar conta de toda sua explicitação, por sua complexidade e atualidade.

Na tentativa de ser preciso e de explicar as ocorrências artísticas contemporâneas, é que se faz necessário observar e estudar “as transformações que

as novas tecnologias da comunicação, informática e seus dispositivos, interatividade e inteligência artificial, da computação gráfica, causaram nessas manifestações”.

E paralelamente o que determina as Novas Tecnologias, como fenômeno de modernidade ou inovação de ponta, no que tange ao uso de equipamentos, meios e dispositivos para a comunicação.

Este objeto de estudo, além de ser amplo, escapa às possibilidades de ser realizado num todo, pela necessidade de retificações permanentes, decorrentes das constantes transformações tecnológicas que acontecem a cada momento. Como novidades de equipamentos, programas de computadores, *hardwares* entre outros.

A partir de tais questionamentos, e sem prejuízo ou desqualificação a este projeto, foi necessário focar de maneira objetiva o tema proposto.

O presente estudo divide-se em duas etapas.

I) Novas tecnologias e Artes.

Pretende-se analisar a abrangência que as novas tecnologias e seus efeitos causam na sociedade. A partir daí, quais as melhores diretrizes elaboradas pelas “NTC” Novas Tecnologias da Comunicação contrapondo com uma sociedade que se alterou.

- Examinar as principais características e principais mudanças que as Teorias e Críticas das Artes apresentam diante das novas tecnologias e sua aplicação artística.
- Portanto, verificar a produção e como se dão a circulação da arte e seus interlocutores.
- Pesquisa em fontes escritas, fontes imagéticas e pesquisa de campo.

“Sabe-se que a revolução da eletrônica invade todos os campos da atividade humana. Os inventos da era industrial, como o cinema, o impresso, o rádio, mesmo tendo incidência sobre os processos internos de produção e pela aculturação de alguns setores dominantes, não foram responsáveis por mudanças tão violentas

como as que a eletrônica vem assumindo no momento atual. As informações através de imagens impressas e faladas circulam em alguns segmentos da sociedade, mas os setores produtivos podiam funcionar sem elas. Hoje tudo passa pelas tecnologias: a religião, a indústria, a ciência, a educação, entre outros campos das atividades humanas, estão utilizando imensamente as redes de comunicação, a informação computadorizada; e a humanidade está marcada pelos desafios políticos, econômicos e sociais decorrentes das tecnologias. A arte tecnológica também assume essa relação direta com a vida, gerando produções que levam o homem a repensar sua própria condição humana”. (Domingues Diana, 1997, p. 17)

A ARTE

O Surgimento das mídias tecnológicas, desde o surgimento da tecnologia, trouxe à arte novos suportes tecnológicos e a possibilidade de produção e de expressão criativa para os artistas.

*“O processo artístico é alimentado tanto pelos conceitos artísticos quanto pelas possibilidades tecnológicas ou pelo **insights** poéticos que vão surgindo na discussão, numa relação contínua. Os artistas geralmente buscam na tecnologia formas de utilização diferentes das originalmente propostas pela ciência ou pela própria tecnologia. Sempre que um problema surge, ao mesmo tempo surgem mil soluções dadas pelos técnicos ou cientistas, tornando a escolha uma decisão complexa frente ao conceito do trabalho que se vai construindo no processo”.* (Sogabe Milton. 2002 p. 97).

Mesmo havendo esta busca por tecnologias pelos artistas, fica claro que seu imaginário ainda necessita de elementos estéticos não só das artes, mas também das ciências.

Almir Mavignier.

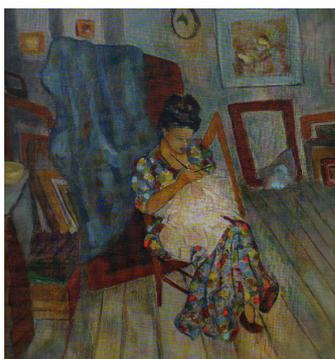
Em primeiro de maio de 1925, nasce no Rio de Janeiro, Almir da Silva Mavignier, filho de Margarida da Silva de origem maranhense e de Melchizedeck Eliezer Mavignier paraibano.

Almir, desde o período ginasial, desenha autodidaticamente, demonstrando logo cedo seu gosto pelas artes. Aos 20 anos de idade, ingressa para o curso científico e paralelamente vai ser datilógrafo em uma instituição “Sociedade de Beneficência” pertencente ao Departamento Nacional do Café – DNC.

Com interesse em desenvolver mais seus desenhos, Almir busca uma atividade profissional que pudesse lhe oferecer possibilidades de utilizar desenhos.

Interessa-se em trabalhar no Serviço de Doenças Mentais na Praia Vermelha, inicialmente como artífice diarista:

“Minha função era acalmar os doentes agitados”.



1. *Composição com figura – óleo s/ tela-carvão 45,5 x 38 cm.*

Paulo Elejalde, diretor do Centro Psiquiátrico Nacional, propõe à Dra. Nise da Silveira, diretora do serviço terapêutico ocupacional, organizar um ateliê de pintura para os pacientes.

Dra. Nise sempre quis desenvolver tal projeto, porém não tivera até então, alguém que pudesse coordenar o ateliê.

Almir imediatamente interessa-se pelo ateliê, pois poderia cumprir a dois propósitos; atender às necessidades dos internos e aos seus próprios trabalhos.

Em nove de setembro de 1946, o ateliê estava organizado para atender os internos, oferecendo aulas de pintura.

Assim, este ateliê tinha como objetivo desenvolver atividades terapêuticas, porém Almir, como pintor, primava em perceber os artistas que surgiam mostrando seu talento na pintura.

Almir buscou interferir somente nos conselhos técnicos das pinturas dos internos, preservando assim o caráter das imagens do inconsciente que eram retratados.

Este período foi importante, pois percebera a evolução que seus alunos tiveram, não somente na pintura, como também no ateliê de modelagem, onde o barro e o gesso assumiam formas criativas nas mãos dos internos do Engenho de Dentro.

Outra importante atividade desenvolvida por ele, foi trabalho com modelo vivo no curso de desenho na Associação Brasileira de Desenho, onde conheceu Ivan Serpa e Ubi Bava.

Visitou a exposição no Ministério da Educação, e acompanhado por Dom Gerardo, do Mosteiro de São Bento teve contato com Arpad Szènes, um renomado pintor húngaro. A esposa de Szènes, a artista Maria Helena Vieira da Silva, que estimulou a toma-lo como aluno. Assim, Szènes aceita-o em seu ateliê.

Freqüentou duas vezes por semana, à tarde, o ateliê de Arpd Szènes, no Grande Hotel Internacional, em Santa Teresa, onde conheceu Frank Achaeffer e outros.

Em 1947, o casal Maria Helena e Arpad Szènes regressa à Europa passada a guerra. Szènes deixa o pintor Leskosscheck no hotel internacional orientando seus alunos. Mavignier freqüentou por algum tempo a ateliê de Henrique Boëser.

A gravadora Rennina Katz apresentou a Mavignier um amigo brasileiro recém chegado de Israel, Abraham Palatnik. Em 1948, Mavignier, Ivan Serpa e Palatinik, formam um grupo de artistas.

A primeira exposição do Engenho de Dentro no Ministério da Educação, atrai o crítico Mário Pedrosa, que ficou encantado com as obras expostas.

“Minha grande escola de arte foi o Engenho de Dentro, porque percebi as fontes da criatividade, o nascedouro da criação, e aprendi humanamente respeitar as pessoas”.

Com cartas de recomendação de Rubem Navarra, Santa Rosa, Alvim Corrêa e Antonio Bento candidataram-se a Bolsa do Governo Francês no ano de 1949.

Em outubro do mesmo ano, realizou em São Paulo no Museu de Arte Moderna, na gestão de Lourival Gomes Machado, a exposição dos Alienados do Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro. Em 1950, Mavignier, Mário Pedrosa, Mary Vieira e Palatinik, vêm a São Paulo ver a retrospectiva de Max Bill no Museu de Arte de São Paulo, que influenciou a geração de jovens artistas no Brasil.

Novembro deste mesmo ano, ele elaborou sua primeira exposição individual, no Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB – Rio de Janeiro. Com pinturas figurativas e onze trabalhos abstratos, totalizando vinte e dois óleos três aquarelas e um desenho e textos de Mario Pedrosa.

Em 1951, realizou outra exposição individual, somente com pinturas abstratas no Museu de Arte de São Paulo, com apresentação de Mário Pedrosa.

Neste mesmo ano, participou da Bienal de São Paulo – MASP.

Em novembro Mavignier partiu para Paris com a bolsa do governo francês. Frequentou o ateliê da Grande Chaumière. Trabalhou no ateliê do abstrato Dewasne, iniciando seu estilo concreto. Mavignier diria:

“Não são pontos, são partículas, quantidade de pigmentos”.

Encontrou-se em 1952 com Mary Vieira, Mario Pedrosa e Romero Brest em Zurique para visitar os ateliês de Max Bill, Camille Graeser, Richard Paul Lhose e Verena Loewensberg, cada um explicando seu processo de criação. Mary participou das reuniões, no ateliê de Bill, referente ao projeto de instalação da Escola de Ulm, sendo convidada por Max Bill para ser professora. Porém, Mary tornou-se professora em Balsiléia na Suíça onde se radicou.

Em 1953, expôs no Salon de Mai, Paris e participou do Salon Realités Nouvelles, também em Paris.

Após ter adquirido uma motocicleta do tipo Vespa, viajou pela Europa.

Neste período, inicia o funcionamento da Escola Superior da Forma de Ulm, a escola com informação política, áreas de comunicação visual, design e arquitetura, congregava jovens artistas que ficaram isolados em Paris no período da guerra. Bill é convidado para elaborar o projeto arquitetônico da escola. Ele intencionou uma espécie de reabertura da Bauhaus, porém com uma configuração diferenciada, não pretendia colocar o programa de artes na escola.

Mavignier consegue inscrever-se em novembro deste ano, no setor de comunicação e com uma bolsa de estudos do Itamaraty e com o salário do Hospital do Engenho de Dentro, preparou-se para cinco anos de estudos no curso em que se matriculou.

Mavignier amadureceu seu trabalho, enriquecendo-o com novas técnicas. Em 1957, realizou seu primeiro cartaz, em Ulm, e a partir daí, afirmou-se como um respeitado designer gráfico. Seu trabalho caracterizou-se principalmente pela produção de cartazes para eventos culturais.

A linguagem simplificada, com estruturas mínimas, porém de grande poder de comunicação identificou o estilo de um grande artista gráfico.

Os cartazes elaborados por Mavignier são um deleite à parte. Ao utilizar recursos gráficos em cores chapadas, retículas de pontos em degrade, letras que viram imagens, até mesmas figurações de imagens fotográficas, perceberam uma estrutura que sempre irá simplificar os elementos visuais. Desta forma, a mensagem é efetuada, em apreciação inesgotável.

Como designer mantém relação direta com sua obra artística.

“O cartaz é um telegrama para ser lido de longe”. (Mavignier)

Para ele, pintura e cartaz são objetos autônomos, independentes da natureza. Daí sua obra ser totalmente abstrata. Da mesma forma se dará na elaboração dos cartazes.

A tipografia assume valor diferenciado daquilo que normalmente veríamos na comunicação visual. Ela é um elemento essencial da composição visual. Outra curiosa particularidade, é que a tipologia utilizada é sempre em “*Helvética Médiun*”.

Ao observar os cartazes de Mavignier, parece não encaixar tipologias serifadas. Principalmente, com o advento do computador, em que se consegue uma infinidade de tipos de letras e percebemos que desde de seu primeiro cartaz até o último elaborado, este padrão é invariável.

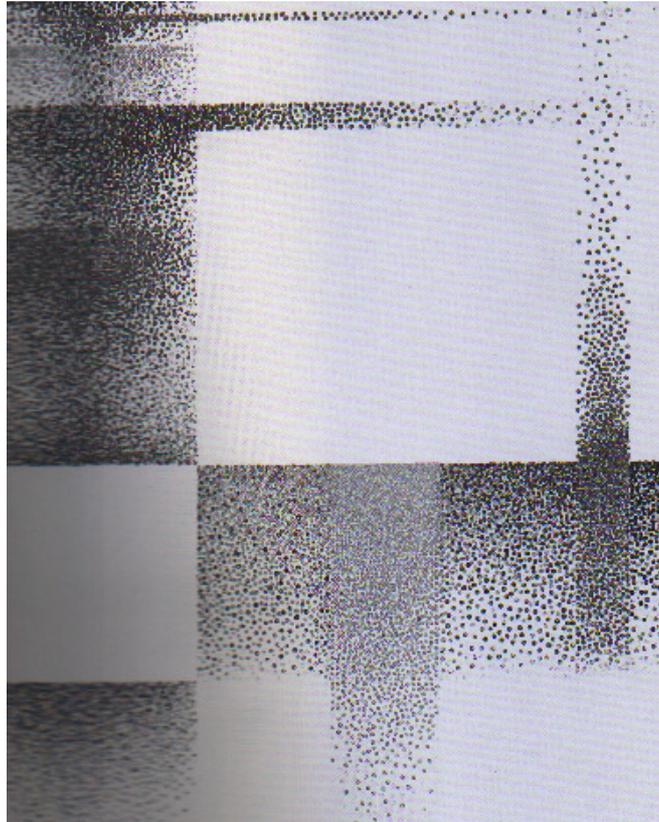
“Fiz uma doação de cartazes ao Museu de Arte Moderna de São Paulo. Examine-os com uma luva nas mãos...”.(Mavignier)

Assim seus cartazes assumem caráter moderno.

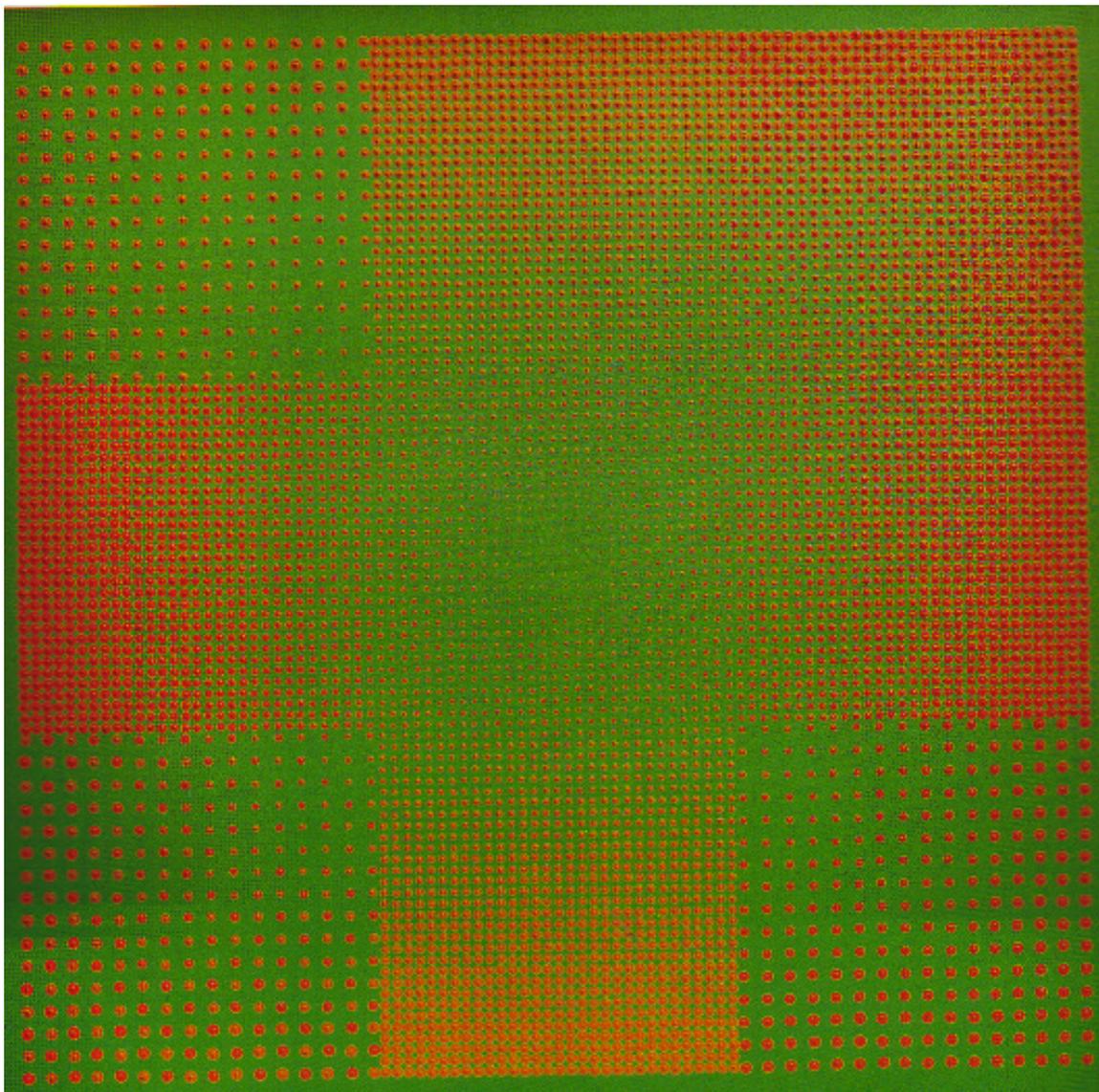
Mavignier raramente concorda com a palavra intervenção, ao contrário disso, sempre se preocupou em elaborar peças gráficas que complementam ao objetivo que se pretende.

A repetição regular dos pontos ou elementos visuais figurativos estão presentes também em suas obras. O pontilhismo abstrato-geométrico é vastamente explorado, ora por figuras geométricas, ora por tipologias.

As cores, quando utilizadas, seguem ao mesmo propósito da economia com extrema sutileza. A justa medida é sua marca.



2. Cruzamento de duas linhas – primeira pintura com “pontos” – óleo s/ tela 90 x 90 cm 1954 coleção privada.



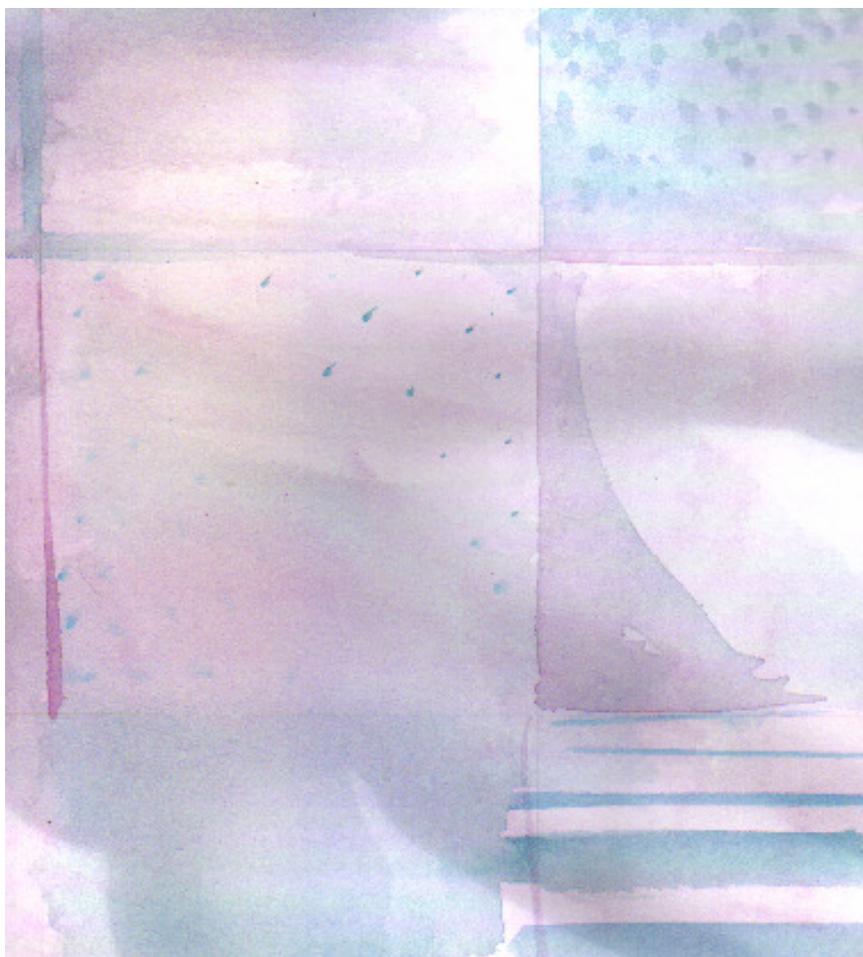
4. Cruzamento sobre verde – óleo s/ tela 100 x 100 cm 1961 coleção privada.

Mergulhar nos trabalhos de Mavignier, não é uma tarefa árdua. Tentar percorrer seus momentos é extremamente difícil.

Já que não pude ir á Alemanha abraçar esta pessoa sensacional e gentil, fiz ligações telefônicas e tentei roubar-lhe a alma. Fui arrebatado por seu carinho e simplicidade.

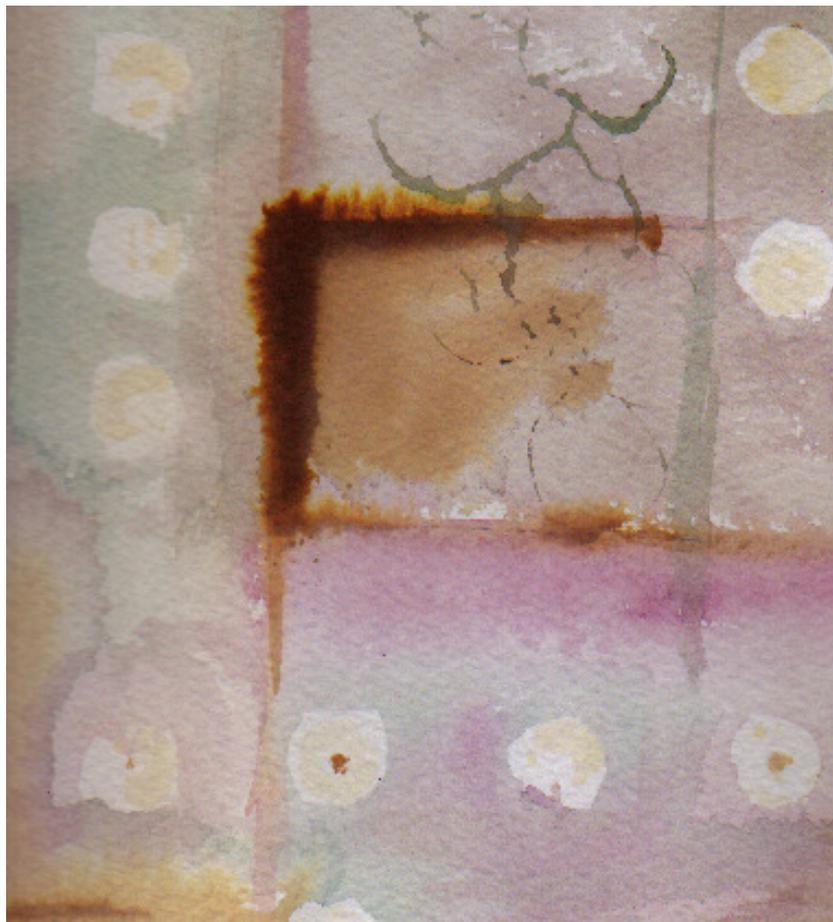
Depois, observando atentamente algumas de suas obras, notamos a precisão, simetria, coesão e tantos outros valores estéticos, para se chegar à simplicidade.

Assim, com a técnica da aquarela elaboram-se trabalhos inspirados por Mavignier em ações ordenadas, embora desestruturada. A tentativa de expressar vitalidade, como são as obras de Mavignier, mas a poesia da aquarela, por vezes as deixou orgânicas demais.



sem título

2002 aquarela s/ papel.



sem título

2002 aquarela s/ papel.

CONCLUSÃO

A escolha de Almir Mavignier se faz necessário pela importância artística e por sua contribuição às artes gráficas.

A partir daí, tentou-se estabelecer os paralelos entre a arte de Mavignier o suporte convencional, os dispositivos adotados para se pintar no suporte tradicional, em análise a partir de um recorte que se possam refletir os novos meios comunicacionais a favor da arte. Por estarmos na era das novas tecnologias da informação e expostos a todos seus efeitos, percebe-se que os processos visuais ampliam-se. As visualizações a partir de bits, transmitidas por monitores são elaboradas através da digitalização. Portanto, são conferidos a esta visualização dois pontos de vistas: o dos meios que os propaga e os das técnicas que os representam.

Mavignier ao elaborar um cartaz institucional, ou comercial, não desassocia a imagem artística, mesmo que elas não tenham finalidades artísticas.

Desta forma, não importa se foi à tinta e a tela, os bits e o cromo, mesmo resguardado cada limite de cada suporte, fica provado que há possibilidades infinitas da linguagem visual, quando a arte se faz presente.

Bibliografia

BARBOSA, Ana Mãe. *A imagem no ensino da arte*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva; 1996.

BARROS, Anna; SANTAELLA, Lucia. *Mídias e artes: os desafios da arte no início do século XXI*. São Paulo: UNIMARCO; 2002.

BUENO, Maria Lúcia. *Artes plásticas no século XX*. Campinas, SP: UNICAMP; 1999.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra; 1999.

DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI: A humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP; 1997.

DORFLES, Gillo. *O design industrial e sua estética*. 3ª ed. Portugal (Lisboa): Presença; 1991.

FRANSCATEL, Pierre. *Pintura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes; 1990.

FUSARI, Ma. Felisminda de Rezende; FERRAZ, Ma. Heloisa C. T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.

LÉVY, Pierre. *A máquina universo*. Porto Alegre: ArtMed; 1998.

MARTINS, Gilberto A; PINTO, Ricardo Lopes. *Manual de elaboração de trabalhos acadêmicos*. São Paulo: Atlas; 2001.

MOLES, Abraham. *O cartaz*. São Paulo: Perspectiva; 1997.

MORAES, Denis (org.). *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre; 1997.

MUNARI, Bruno. *A arte como ofício*. 4ª ed. Portugal (Lisboa): Presença; 1993.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva; 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª ed. São Paulo: Cortez; 2000.

VILLAS-BOAS, André. *O que é e o que nunca foi design gráfico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora; 2000.

WONG, Wucius. *Princípios de forma e desenho*. São Paulo: Martins Fontes; 1998.